O adolescente especialista de si: o usuário como guia

Caderno de Tessituras

2

O adolescente especialista de si: o usuário como guia

Caderno de Tessituras

2

Comissão editorial
Bruna Simões de Albuquerque
Cristiane Grillo
Eloisa Grossman
Marina Diniz Luna do Nascimento
Silvia Coutinho Souza Lima

JANELA DA ESCUTA

ADOLESCÊNCIAS E TESSITURAS

SUS MINISTÉRIO DA SAÚDE

EXPEDIENTE

Ministério da Saúde

MINISTRO
Alexandre Rocha Santos Padilha

Secretaria de Atenção Primária à Saúde – SAPS

SECRETÁRIA
Ana Luiza Ferreira Rodrigues Caldas

COORDENAÇÃO-GERAL DE ACESSO E EQUIDADE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE – CGAEQ
Lilian Silva Gonçalves

Coordenação de Atenção as Pessoas em Conflito com a Lei – COAPC

COORDENADORA
Ethel Proença Braga

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

REITOR
Alessandro Fernandes Moreira

VICE-REITOR
Alamanda Kfoury Pereira

Faculdade de Medicina da UFMG

DIRETORA
Andréa Maria Silveira

VICE-DIRETORA
Zilma Silveira Nogueira Reis

Departamento de Medicina Preventiva e Social

CHEFE DE DEPARTAMENTO
Alzira de Oliveira Jorge

Projeto Adolescências e Tessituras

COORDENAÇÃO GERAL
Cristiane de Freitas Cunha Grillo

COORDENAÇÃO ACADÊMICA
Marília Faleiro Malaguth Mendonça

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Vinício Araújo Martins

ASSESSORIA DA COORDENAÇÃO GERAL E TÉCNICA
Ana Luiza de Oliveira Moreira

ASSESSORIA DE METODOLOGIA
Patrícia Regina Guimarães
Thereza Christina Portes Ribeiro de Oliveira

CONSULTORIA
Eloisa Grossman
Juliana Maddalena Trifilio Dias

COORDENAÇÕES TERRITORIAIS
Andréa Chicri Torga Matiassi
Bianca Ferreira Rocha
Bruna Simões de Albuquerque
Gabriela Antunes Ferreira
Gisele Araújo Magalhães
Lisley Schlens Braun
Marina Diniz Luna do Nascimento
Patricia Spyer Prates
Rejane Ferreira dos Reis

ASSESSORIAS TERRITORIAIS
Bárbara Oliveira Batista
Esther Maria Dias Kfuri
Isabella Barbosa de Paiva Diniz
Larissa Brunna Marques Emerick
Laura Lemos Avelar
Marcella Hannah Nunes Urubatã
Mariana Prado de Souza
Mateus Henrique Santos de Souza Jr.
Silvia Coutinho Souza Lima

Grillo, Cristiane de Freitas Cunha [G859a]
O adolescente especialista de si: o usuário como guia / Comissão Editorial: Cristiane de Freitas Cunha, Ana Paula Martins Lara, Andréa Chieri Torga Matiassi et al. Belo Horizonte: Projeto Adolescências e Tessituras, 2026.
40p.; – (Adolescência e Tessituras, v. 2).

ISBN: 978-65-977432-4-7

1. Adolescente Saúde mental. 2. Psicologia do adolescente. 3. Arteterapia. 4. Cultura digital. I. Lara, Ana Paula Martins. II. Matiassi, Andréa Chieri Torga. III. Título. IV. Série.

CDU 159.922.8
CDD 155.5

Elaboração: Helenice Rêgo dos Santos Cunha – CRB 1461

Projeto gráfico
Julio Abreu

Diagramação
Julio Abreu
Nathália Guedes Lobato Tavares

Revisão
Diogo da Costa Rufatto

Produção editorial
Ana Clara Bastos

Sumário INTERATIVO

Introdução 6

Trilha 1 – O adolescente especialista de si: o usuário como guia 8

Apresentação 9

Ciclo de conversações 1 – Tempo de ver 12
Tempo de compreender 23
Tempo de concluir 31

Ciclo de conversações 2 – Tempo de ver 33
Tempo de compreender 37
Tempo de concluir 42

Referências 42

Introdução

O Caderno de Tessituras é um dos mediadores do nosso convite à reflexão e à construção coletiva de outras leituras sobre o trabalho com as adolescências. Trata-se de um caderno de atividades práticas sobre os temas que orientam nosso percurso formativo, a saber:

- **Caderno de Tessituras 1:** *Onde o adolescer acontece: cartografia do território*
- **Caderno de Tessituras 2:** *O adolescente especialista de si: o usuário como guia*
- **Caderno de Tessituras 3:** *Vulnerabilidades sociais e trajetórias de vida: a APS e a* produção de saúde
- **Caderno de Tessituras 4:** *Clínica do adolescente em atendimento socioeducativo e* o trabalho em equipe no território vivo
- **Caderno de Tessituras 5:** *PNAISARI e Projeto Territorial Situado*

Cada Caderno tem como principal referência teórica o nosso livro (em formato e-book) *Adolescências e Tessituras*, composto por cinco volumes, cada um deles articulado ao seu respectivo Caderno. É possível, contudo, que um Caderno de Tessitura traga referências para além de seu volume correspondente, ou seja, que ele mencione pontos, temas ou questões que são tratadas nos demais volumes

do livro. Isso ocorre porque os temas são amplos, suscitando um campo passível de interseções e conexões necessárias.

As atividades propostas nos Cadernos de Tessituras – sugestões de leitura, indicações de filmes, podcasts e outros recursos – visam enriquecer as reflexões e acompanhar cada participante em seu percurso formativo.

Pretende-se que cada um/a seja autor de seu percurso. Para contribuir com esse processo formativo, esperamos que você inclua e apresente suas questões e seus impasses, colocando seu olhar para novos pontos de vista e registrando suas descobertas, tendo sempre o/a adolescente como guia.

Como produto de **cada trilha**, serão construídas **cartografias** que visam a uma conversa viva entre os conteúdos trabalhados em cada percurso e o cotidiano do trabalho em saúde.

Ao final do curso, as trilhas se encontrarão em um livro coletivo, reunindo as contribuições, produções e elaborações autorais dos participantes que desejarem partilhá-las.

Trilha 1

O adolescente especialista de si: o usuário como guia

Apresentação

Olá!

Dando continuidade ao Caderno de Tessituras, estamos começando a **segunda trilha** da nossa formação Adolescências e Tessituras. Após percorrer a trilha sobre a cartografia de território onde o adolescer acontece, vamos agora pensar sobre o **adolescente especialista de si: o usuário como guia**.

Como vimos na primeira trilha, a intenção deste caderno é ser um roteiro de leitura, mas ele também pode ser um caderno de campo, um diário ou um espaço para reflexão daquilo que for sendo transmitido e vivenciado ao longo deste curso.

O objetivo desta trilha é conhecer a subjetividade, a diversidade, a voz do/a adolescente, sua identidade, seus sofrimentos, indagações e questões, e também visualizar as novas formas de subjetivação, bem como encontrar metodologias no trabalho junto com eles/as, de modo que os/as adolescentes possam nos guiar pelos seus caminhos de cuidado.

Para realizar esta trilha, vamos seguir a partir dos dois ciclos de conversações, que serão divididos a partir dos capítulos do livro:

Ciclo 1	◢ Adolescências: Diversidades e Invenções Possíveis; ◢ A Construção do Conceito de Adolescência ao Longo dos Séculos: Visitando o Passado para Compreender o Presente; ◢ Entre Algoritmos, Afetos e Laços: Adolescências na Cultura Digital; ◢ Saúde Mental no Contexto das Adolescências.
Ciclo 2	◢ Metodologias Vivas: Janela da Escuta; ◢ Arte na Espera.

A intenção é que cada um/a de vocês, guiado/a pelo desejo de trabalhar com os/as adolescentes, possa construir um diálogo muito singular entre o livro e este Caderno de Tessituras. Assim, lembre-se de recorrer aos capítulos para retomar e aprofundar pontos teóricos e tenha sempre em mãos este caderno! Lembre-se de que o livro e o caderno estão sempre em diálogo, mas o tom desta conversa quem dá é cada um de vocês, à sua maneira!

No que se refere ao primeiro ciclo de conversações, o caminho será o de voltar o olhar e a reflexão para nossa própria adolescência e/ou para aqueles/as adolescentes que estão próximos/as de nós. Vamos despertar esse/a adolescente que fomos, conseguir reconhecer as adolescências que existem no mundo de hoje e aquelas próximas a nós e refletir a imagem que temos da adolescência, para conseguir visualizá-las para além dos preconceitos e estereótipos.

Já no segundo ciclo de conversações, a perspectiva gira em torno de escutar, amplificar a voz dos/das adolescentes que encontramos nos serviços nos quais trabalhamos, dar atenção, escutar e construir junto deles/as possibilidades de cuidado. Para tanto, ao final desta trilha vamos construir uma cartografia que traga as adolescências para a cena.

Pensar sobre o/a adolescente nos conduzirá a um orientador primordial de que os/as adolescentes são os/as **especialistas de si** e devem guiar sua inserção na política de saúde. Vamos investigar nesta

trilha as especificidades das adolescências com que trabalhamos hoje, nos contextos dos serviços públicos, até chegar em metodologias vivas que colaborem com o trabalho junto com eles/as.

Mas o que é um adolescente "especialista de si"? Geralmente escutamos e falamos sobre profissionais especialistas em diferentes áreas de conhecimento. Ao longo desta trilha, vamos buscar ressituar essa especialidade, que geralmente fica do lado do profissional, para localizar no/a próprio/a adolescente um saber sobre si mesmo/a sobre o qual, nós, profissionais, devemos escutar e acompanhá-los/as, para traçar com eles/as estratégias de intervenção e cuidado.

Para começar este percurso, então, vamos refletir:

- O que é, para você, um sujeito adolescente?
- Quais suas formas de se situar na vida?
- Há especificidades em seu modo de ser e agir?
- Quais os efeitos da época e da cultura na subjetividade dos/as adolescentes?
- Como se apresentam seus sofrimentos e como respondem a eles?

Não se apresse em responder a essas perguntas... deixe-as ressoar... Vamos aguardar para que elas possam ser pensadas ao longo desta trilha?

A proposta é que a construção dessa concepção nos leve a refletir sobre o que os/as adolescentes têm a nos ensinar!

Vamos lá?

Ciclo de conversações 1
Tempo de ver

Na apresentação desta trilha, que teve seu início no seminário de abertura **O adolescente especialista de si: o usuário como guia**, buscamos lançar mão de um debate que consideramos imprescindível para o trabalho com os/as adolescentes.

A partir do que você escutou no seminário, convidamos ao exercício de recolher elementos que se destacaram sobre o tema dessa trilha. O que você anotou no seminário? O que considerou importante? O que descobriu de novo? Alguma palavra ou frase lhe marcou? Anote a seguir algumas das suas impressões até aqui para que possamos acompanhar ao longo desta trilha o que foi se dando na sua percepção sobre o tema.

Pensar as subjetividades do sujeito adolescente nos ajudará, ao longo desta trilha, a nos aproximarmos das nossas próprias adolescências e, também, dos/as adolescentes em torno de nós, tornando possível escutá-los/as e fazer apostas em construções inventivas para suas vivências. Trazer as adolescências e suas vozes para o centro do debate se faz urgente para diminuir possíveis abismos entre nós, adultos, e eles/as.

Para começar este percurso, entendemos que a adolescência, tal como a compreendemos hoje, nem sempre existiu, mas foi sendo construída ao longo do tempo e do espaço das civilizações. Por isso o entendimento e a imagem que temos da figura do/a adolescente, hoje, teve efeitos da cultura na qual eles/as estão inseridos/as.

Não precisamos ir muito longe para visualizar isso. Quando pensamos, por exemplo, como nós vivemos nossa adolescência, como nossos tios, avós e bisavós a vivenciaram e como nossos filhos, sobrinhos, netos, bisnetos a vivenciam, hoje, muito provavelmente encontramos algumas diferenças.

Vamos pensar em conjunto a respeito dessas mudanças. Há algum acontecimento na vida de um/a adolescente que no século passado era considerado natural e que hoje causa estranhamento e preocupação? Talvez ajude pensarmos sobre os papéis de gênero. Vamos nos juntar em dupla ou trio e conversar durante 10 minutos?

Quais os “achados” dessa conversa em pequenos grupos? Vamos dar uma olhada na nuvem de palavras-achados!

Reparem que, quando passamos a falar das adolescências, muito rapidamente conseguimos construir imagens, lembrar-se de cenas, de pessoas ou até de nós mesmos nesse tempo. Esse percurso familiar significa que a adolescência está muito próxima de nós, uma vez que ela faz parte das vivências humanas.

Todos nós já fomos adolescentes um dia, não é mesmo? Ou, se ela tiver passado despercebida, no mínimo algum contato já tivemos ao longo da vida com alguém que a vivenciou de forma mais intensa.

Na adolescência o corpo passa por profundas transformações. A altura aumenta, os pelos aparecem, a voz muda e os órgãos sexuais se desenvolvem. Diante de tais mudanças corporais, alguns adolescentes têm a sensação de se sentirem estranhos nesse novo corpo. Que tal olhar uma fotografia sua quando adolescente? Você estava sozinho/a ou acompanhado/a na imagem que escolheu? Tinha alguma insatisfação em relação a sua imagem? Percebia se a sua imagem tinha relação com a autoestima?



Sugerimos que você reserve um tempo para desfrutar de memórias guardadas: as amizades e paixões, as turmas das quais fazia parte, as músicas que escutava, as revistas e livros que lia, as roupas que gostava de usar, o primeiro beijo...

Vivemos numa sociedade repleta de conflitos e desigualdades, portanto, as memórias nostálgicas, que misturam alegria e dor, nos auxiliam na aproximação e criação de vínculos com os/as adolescentes que nos procuram em busca de cuidado. Algumas vezes o período de aprendizado e experimentação é engolido pela necessidade de trabalhar ou é substituído por outras prioridades, como a maternidade e a paternidade.

Por outro lado, algumas mudanças também vão se dando nos modos de vivenciar a adolescência. Por exemplo, estamos imersos em um tempo de ver! Ver, ser visto, ver incessantemente sem refletir são ações que marcam a nossa relação com o mundo digital, sobretudo a partir do uso dos celulares "espertofones".

Antes de pensarmos sobre a relação dos/as adolescentes com a internet, fazemos o convite para olharmos primeiramente para nós enquanto adultos. Como é sua própria relação com a internet? Você faz uso das redes sociais? Quais efeitos você sente dessas conexões provenientes do fato de passar muito tempo online?

Você sabe quanto tempo passa conectado? Quanto tempo em média você demora para responder uma mensagem de Whatsapp? Qual foi o maior tempo que você passou sem acessar a internet no último mês? Você é acionado/a para fins de trabalho pelo celular? Como isso se dá ao longo do seu dia?

A partir dessas questões, escreva sobre essa dimensão em sua vida durante 10 minutos e, em seguida, construa duas colunas com aquilo que você entende que são os pontos positivos e negativos do mundo digital, para que possamos conversar.

PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS

Agora, seguindo por nossa trilha, continuamos na tentativa de ver o impacto da dimensão digital nas vidas de hoje. Sabemos que o acesso à internet pode impactar nossa relação com o tempo, e a relação com o tempo é central na vivência das diversas adolescências.

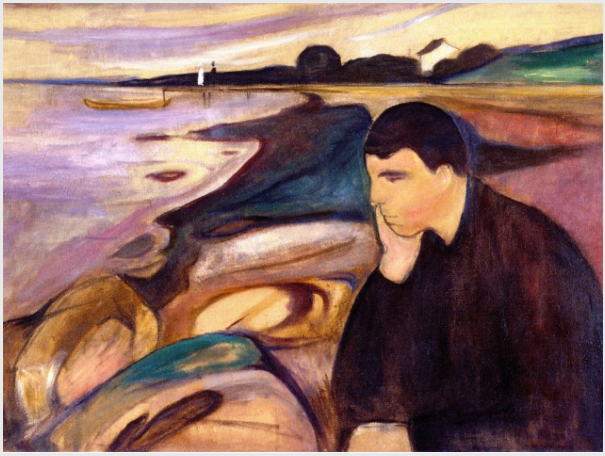
De acordo com o que você leu no capítulo "Entre Algoritmos, Afetos e Laços: Adolescências na Cultura Digital", escrito por Nádia Laguárdia, vimos que a lógica digital de modo geral e, em especial, as redes sociais têm um grande impacto na subjetividade e nos laços sociais dos/as adolescentes. Os espaços virtuais podem funcionar como lugar de debate democrático e de expressão criativa, mas igualmente como lugar mobilizador de discursos de ódio, preconceitos e violências diversas. Esses pontos abrem para pensar que o contexto da internet pode ser um lugar de ataques, de repasse de informações sem fidedignidade e até um espaço com uma língua própria, com uso de gírias, siglas e códigos que, quando não conhecidos, podem provocar uma sensação de exclusão.

No nosso e-book, é possível localizar o quanto o Brasil é um país de contrastes em termos da relação com as redes sociais, ou seja, mesmo com uma parcela da população vivendo à margem dos bens sociais, nosso país está entre aqueles que mais utilizam as redes sociais. A frequência do uso da internet segue aumentando, apesar das desigualdades sociais brutais que marcam nossa população.

Por isso, ao retomar as nossas experiências e as adolescências vividas nos tempos atuais, propomos uma reflexão: o que nos afetava, nos inquietava ou nos fazia sofrer naquela época? Como essas experiências eram acolhidas pelos adultos e nos diferentes espaços em que circulávamos? Quando olhamos para os/as adolescentes de hoje, o que reconhecemos como sofrimento? O que tem sido nomeado como sintoma, como problema ou como algo que precisa de intervenção?

No cotidiano dos serviços e nos encontros que atravessam a vida, com quais situações nos deparamos quando um/a adolescente chega até nós e fala de um sofrimento ou aponta para algo que não vai bem? Como esse sofrimento costuma se apresentar? Houve alguma situação em que você pôde perceber algo do que estava em jogo no sofrimento daquele/a adolescente?

As formas de sofrimento, os modos de se expressar, os sintomas e aquilo que nomeamos como adoecimento não se produzem de forma isolada, mas estão atravessados pelo tempo em que vivemos, os contextos sociais, culturais e digitais e pelas condições concretas de vida de cada adolescente. Olhe para a imagem a seguir, tome seu tempo...



Melancolia, Edvard Munch (1894)

A vivência adolescente não parece vir de forma amena. Diversos elementos interferem nesse tempo e levam a dificuldades em relação a como enfrentá-las. Mas se trata também de um tempo de travessia, de descoberta, de criação. Talvez o mais caro, para que essas travessias sejam possíveis, seja torná-las menos solitárias. Ou melhor, para que a solidão de cada sujeito, que é inevitável, possa ser uma solidão vivida com menos desamparo e acompanhada de alguma leveza.

Adolescência: essa que encontramos, desencontramos e reencontramos, em nós, nos outros. Adolescência: essa que assusta, bagunça e interroga. Adolescência: essa que chega sem bater à porta e vem junto com dificuldades, sofrimentos e desencontros. Adolescência: essa que abre caminhos, travessias e invenções... uma nova relação com a linguagem, uma nova relação com o outro, uma aposta de construção de um lugar mais seu no mundo...

O tempo de ver desta trilha tem essa proposta de nos reencontrarmos com os/as adolescentes que vivem em nós ou que estão ao nosso lado, tentando buscar em algum ponto uma conexão possível. No poema da polonesa Wisława Szymborska há um reencontro improvável, imaginado e mesmo impossível, com a adolescente que ela foi. Uma carta que fantasia e reflete sobre esse encontro consigo mesma que agora é também uma outra. Vejamos:

Adolescente

Eu – adolescente?
Se de repente ela me aparecesse aqui, agora,
deveria saudá-la como a uma pessoa próxima,
mesmo que me pareça estranha e distante?

Derramar uma lágrima, beijar a testa
somente pelo motivo
de termos a mesma data de nascimento?

Tanta dessemelhança entre nós
que talvez só os ossos sejam os mesmos,
o formato do crânio, as órbitas.
Pois os olhos já parecem maiores,
os cílios mais longos, a estatura mais alta
e o corpo compactamente coberto
de pele lisa, sem defeito.

É verdade que nos unem parentes e amigos,
mas no seu mundo quase todos estão vivos
e no meu quase ninguém
desse círculo comum.

Tanto nos diferenciamos,
de coisas tão diversas falamos, pensamos.
Ela sabe pouco –
mas com absoluta convicção.
Eu sei muito mais –
mas sem certezas.

Me mostra os seus versos,
escritos numa letra clara e caprichada,
que eu já não tenho há anos.

Leio esses versos, releio.
Bem, talvez só este,
se der para encurtar
e corrigir aqui e ali.
Para o resto não vejo futuro.

A conversa não engata.
No seu relógio pobre,
o tempo ainda é vacilante e barato.
No meu, muito mais caro e preciso.

Na despedida, nada: um sorriso casual
e nenhuma emoção.

Somente quando some
e na pressa esquece o cachecol.

Um cachecol de pura lã,
com listras coloridas,
tricotado à mão para ela
pela nossa mãe.

Eu o guardo ainda.

(Szymborska, 2016, p. 275-277)

O poema mostra uma adolescente vista pelos olhos de quem ela será no futuro. Trata-se do olhar da mulher adulta em relação à jovem que ela foi (Albuquerque, 2019). É como se a adolescente fizesse uma viagem ao futuro ou a mulher, uma viagem ao passado, travessia no tempo para tomar um café com aquela que foi ou que será.

A adolescente parece uma pessoa estranha e distante aos olhos da pessoa mais velha que ela se tornou. As duas nasceram no mesmo dia, e essa é uma das poucas características que têm em comum, ao lado do fato de terem a mesma mãe e os mesmos ossos. Os parentes e amigos são os mesmos, mas muitos já não vivem mais no mundo da madura senhora. Aos olhos da adulta, a adolescente aprendeu pouco, tem pouca experiência, mas é cheia de certezas.

Ela não supõe muita coisa na escrita da jovem, não tem muita consideração pelos seus versos, cogita mesmo sugerir correções, salva apenas um. Ela diz que a jovem pensa saber demais, mas, no fundo, o que a poesia transmite é que é a mulher que sabe verdades sobre a adolescente, cuja fala não aparece. Ela sabe que os versos não têm futuro e sabe que o tempo da menina é vacilante e barato.

Não há espaço para algo que a jovem possa saber, não há espaço sequer para se perguntar o que a adolescente sabe...

A conversa não engata, há um desencontro sensível na fala entre adulta e adolescente, mesmo que eles sejam a mesma pessoa, separadas por anos de distância.

Teria a versão adulta da menina se tornado uma grande escritora? Seria o poema autobiográfico? Nem mesmo a própria adolescente transformada em adulta conseguiu ter um olhar menos exigente com relação a si mesma. O olhar reflete justamente uma posição ambivalente do adulto em relação ao adolescente. Há fascínio, há desmerecimento, talvez até mesmo uma certa inveja e desprezo, há algo que não engata na fala, há o silêncio que resta para a adolescente diante do adulto e que pode ser eventualmente tão mortífero.

Seguir viva diante de encontros silenciadores com alguns adultos. Qual a medida para desligar-se?

A adolescente da poesia parte em silêncio, apressada, sem palavras, sem emoção, apenas um sorriso casual. Diante do mal-estar do encontro, poderia ter recorrido ao insulto, ao palavrão. Apressa-se em levar os versos que não encontraram uma leitora muito acolhedora e parte de posse de suas convicções, pescoço nu, à mostra e poucas palavras.

A mulher adulta e a adolescente que ela foi, dois fios soltos de uma mesma travessia, o que resta é um pedaço de pano colorido, um detalhe feito pela mãe, perdido por uma, achado pela outra. Estranheza e distância. Na despedida, nada. O que sobra da adolescente na mulher adulta? Os ossos? Os versos?

Pensando nesse encontro-desencontro que a poeta faz, propomos, ao longo de uma semana, antes do nosso próximo encontro, que você tente construir uma carta para o/a adolescente que você foi...

Pode ser uma carta para alguém que você considera estar vivenciando a adolescência nesse momento, uma carta para uma pessoa fictícia, mesclar coisas que você vivenciou com coisas que você pensa sobre a adolescência. O que se faz importante aqui é ativar as memórias que resgatam a sua relação com a sua própria adolescência, a visão que você tem hoje do que é ser adolescente e as possíveis mudanças dessas vivências ao longo do tempo.

Esse exercício deve ser vivido e realizado individualmente e não precisa ser compartilhado na íntegra, podendo ser compartilhados só elementos que você deseje.

CONSTRUA AQUI A SUA CARTA

Destinatário:
Remetente:
Cidade:
Data:

Tempo de compreender

Vamos juntos trilhar nosso tempo de compreender?

Depois da surpresa do tempo de ver, do impacto diante do espelho de nossa adolescência e do espanto ao nos depararmos com os múltiplos embaraços das travessias das adolescências hoje...

...agora é o momento de aprofundar nossas reflexões! Estamos cada vez mais próximos de construir relações com a nossa prática viva no território! O tempo de compreender será nossa esteira rumo ao tempo de concluir enquanto profissionais concernidos pelo/a adolescente especialista de si! Você topa mergulhar um pouco mais e compreender um pouco mais a fundo? E não se esqueça, quem nos guia é sempre o/a adolescente!

Você conseguiu visualizar encontros e/ou desencontros com a sua adolescência?

Agora, após as reflexões que foram feitas ao longo dessa semana, consideramos importante aprofundarmos a conversa sobre o que produzimos a respeito da visão de cada um sobre a adolescência... um esforço a mais de compreensão!

A CARTA E SEU DESTINO

Para compreender é preciso ler!

Quando uma carta chega ao destinatário, quais efeitos produz? O que ressoa?

Alguém gostaria de ler a carta que escreveu? Partir da escrita daqueles/as que se sentirem à vontade para compartilhar sua produção vai certamente nos ajudar a avançar!

Quem topa?

Lembrando que a leitura em voz alta não é obrigatória. Cada um que quiser pode decidir sobre entregar a carta a algum membro da equipe, pode apresentar apenas um trecho de sua escrita ou mesmo guardar para retornar à carta ao final desta trilha, a título de reflexão dos efeitos e aprendizados que foram sendo desenvolvidos.

Tempo para leitura de algumas cartas e compreender os elementos trazidos pela escrita de cada um, uma escrita já tocada

pelas reflexões e os encontros da semana anterior. Quem quiser pode anotar abaixo os pontos que quiser destacar da leitura da carta dos colegas:

VAMOS DAR UM PULO NO LIVRO PARA VERIFICAR SE COMPREENDEMOS?

Se retornarmos ao livro desta trilha encontraremos um capítulo (“A cosntrução do conceito de adolescência ao longo dos séculos: visitando o passado para compreender o futuro”) importante que nos apresentará a construção do conceito da adolescência ao longo dos séculos. Lá poderemos localizar que numerosas teorias foram sendo desenvolvidas sobre o fenômeno da adolescência.

Você sabia que antes do século 18, na Idade Média, a adolescência não existia enquanto tal? A figura da criança e dos adolescentes não era diferenciada da vivência dos adultos, e eles eram vistos como “adultos em miniatura”. Isso pode ser comprovado se observarmos obras de arte dessa época, onde os traços, as vestimentas e a apresentação das crianças remetiam a figuras de adultos.

É com o interesse e o desenvolvimento de estudos na área da saúde (medicina, psicologia) e educação sobre a infância e a adolescência que se passou a visualizar não só especificidades a esse período da vida, como também elementos do desenvolvimento e,

sobremaneira, a localizar os pontos de dificuldade, passando a adolescência a ser vista como uma "crise". As figuras da "juventude transviada" ou "rebelde sem causa" vieram junto com o movimento da contracultura, do movimento *hippie* e da politização nas universidades, sendo disseminada nos meios de comunicação a imagem dos/as adolescentes relacionada à crítica radical a valores, ideias, tabus e instituições.

Essas mudanças tiveram um efeito direto na percepção sobre o/a adolescente e passaram a afetar nossa visão sobre eles/as até os dias atuais. Nas suas reflexões, por exemplo, esses elementos da rebeldia, da crise e da crítica aos valores surgiram?

O processo de industrialização, a aceleração científica e tecnológica e a possibilidade de comunicação instantânea, muito presentes no século 20, foram novas marcas na história e na cultura que influenciaram nos modos de ver e viver a adolescência. O século 21, por sua vez, trouxe uma crescente conexão nas redes, a presença cada vez maior de atrativos tecnológicos e a busca desenfreada por bens de consumo. Os efeitos dessas mudanças repercutiram nas subjetividades dos/as adolescentes, alargando o tempo dessa vivência, tanto na entrada mais precoce na adolescência, quanto em um prolongamento dessa vivência, com a dificuldade em sair dela.

Um ponto importante a ser considerado na contemporaneidade é o estado de desamparo coletivo dos/as adolescentes, fruto dos efeitos da cultura. Tal efeito marca uma experiência complexa ao adolescer e lança desafios nos manejos e na aproximação deles/as.

COMO A ARTE NOS AJUDA A COMPREENDER SUSTENTANDO A COMPLEXIDADE?

Pensamos que agora já podemos avançar em nossa compreensão a respeito das dimensões que envolvem a vida e a saúde dos/as adolescentes. A proposta é que vocês possam assistir, em seu tempo de comunidade, a algum filme ou série que trate especificamente do tema das adolescências. Sugerimos, por exemplo, o curta *Trópico de Capricórnio*, de Juliana Antunes. Com alguns minutos, o filme

mistura contornos autobiográficos e ficcionais, e nos apresenta de modo denso diversos aspectos das adolescências: a relação com o corpo, com a família, as amizades, os primeiros amores, as perguntas sobre a sexualidade, a relação com o outro, com o futuro, etc. A ideia não é fazer uma análise do filme ou dos personagens, mas, antes, que possamos começar a pensar nos/as adolescentes que atendemos ou que possamos vir a atender nos territórios em que trabalhamos. Quando dizemos "pensar" é no sentido de compreender (sem nunca compreender completamente) o/a adolescente em todas as dimensões trazidas pelo filme: amor, sexualidade, solidão, saúde, família, amizades, dúvidas, futuro, saúde mental, questões de gênero, diversidades, classe social, etc.

Onde assistir?

https://embaubaplay.com/catalogo/tropico-de-capricornio/

https://www.youtube.com/watch?v=T-hj4W-VItw

Abertura para momento de troca:

COMO COMPREENDER QUEM TEM DIREITO À ADOLESCÊNCIA?

Agora que estamos um pouco mais próximos das vivências adolescentes, propomos uma abertura do olhar para aquelas que podem ser ainda mais distantes das nossas, não só pelos efeitos da época do uso da tecnologia, mas, também, pela existência da desigualdade do nosso país, realidade que segrega e, por vezes, deslegitima a vivência adolescente de uma parte da população.

Estamos falando daqueles/as que vivenciam rotineiramente cenas de violência, racismo, e abuso, e, comumente, são lançados/as com precocidade na lida da vida adulta. Esses/as que muitas vezes recorrem aos serviços públicos, tendo inclusive seus direitos já violados e aprisionados em sistemas de medidas que reproduzem violências das mais diversas.

Ao longo da sua reflexão até aqui, acreditamos que tenha sido notório que as vivências adolescentes constituem uma resposta e um processo importante da vida humana. Por isso, a proposta passa a ser a inclusão das experiências adolescentes, considerando que é importante construir meios de atravessá-la.

Só que o que acontece é que alguns contextos comprometem, apagam ou negligenciam essas vivências, não as reconhecendo como tal. Por isso, propomos incluir as adolescências para esses sujeitos não só como uma luta política, mas também pela insistência plural e diversa das adolescências.

Por ser diferente das nossas vivências – não só porque podem estar em contextos diferentes, mas porque cada vivência é única, singular – aqui já começamos uma torção e uma abertura para a escuta das adolescências para cada um.

A arte novamente nos auxilia a visualizar fatos da vida, nos tocando no ponto do sensível. Aqui, apostamos numa lista de materiais sobre as vivências adolescentes pensando no contexto brasileiro e acreditamos que você com certeza poderá contribuir com novas sugestões, por isso deixamos um espaço para que você dar continuidade a ela:

◢ **Sementes**: nessa música, Emicida alerta sobre o trabalho infantil. Acessível em https://youtu.be/OTu8rydlUcA?si=-d0XKo5_2Zw6EbEdj

◢ **Sorôco, sua mãe, sua filha**: nesse conto, Guimarães Rosa narra a história de Sorôco, que acompanha, de braços dados, sua mãe e sua filha à estação, onde um trem as levará ao hospício de Barbacena. Acessível em https://youtu.be/nTkeFxFPZqI?si=69uYaulSsUELv9kk

◢ **Menino 23 - Infâncias perdidas no Brasil**: a partir da descoberta de tijolos marcados com suásticas nazistas em uma fazenda no interior de São Paulo, o historiador Sidney Aguilar descobre que, durante os anos 1930, 50 meninos negros foram levados de um orfanato no Rio de Janeiro para uma fazenda onde foram escravizados. Acessível em https://youtu.be/RkvcW2bamEs?si=uwzX_0ozfIcDSbSP

O CASO A CASO NO TEMPO DE COMPREENDER

Agora vamos pensar no caso de um/a adolescente que foi atendido/a por nosso serviço e que tenha trazido impasses importantes que conversem com aquilo que pudemos ver e compreender até esse momento de nossa trilha? Adolescência, cultura digital, saúde mental, etc.

Alguém gostaria de trazer um relato de caso, uma vinheta ou mesmo uma questão que se colocou pela presença ou mesmo pela ausência dos/as adolescentes em nossos serviços?

Escrita de uma vinheta, caso ou questão que tenha aparecido em nosso serviço:

Antes de aprofundarmos nossa compreensão a partir de uma vinheta ou caso, é fundamental lembrar que, quando pensamos em saúde mental, não podemos separá-la do restante da vida. A saúde mental é um processo amplo, dinâmico e multifatorial, profundamente relacionado às condições que atravessam a vida das pessoas, como os cenários econômicos e o acesso a direitos básicos: moradia, alimentação, profissionalização, segurança, lazer, dignidade e convivência familiar e comunitária. Assim, pensar em saúde mental implica considerar os determinantes sociais que permeiam a vida de cada sujeito.

No caso das adolescências em cumprimento de medidas socioeducativas, esses atravessamentos se intensificam em contextos marcados por racismo, negligência de políticas sociais, evasão escolar, violências, fragilização de vínculos, exclusões e desamparos diversos, além de conflitos territoriais, privação de liberdade e sofrimento associado ao uso de álcool e outras drogas.

Após as discussões e contribuições feitas até aqui, que podem ser completadas acessando nosso livro, propomos uma outra atividade que nos conduzirá à conclusão do primeiro ciclo de conversações. Vamos tentar nos lembrar de algum caso já discutido nas nossas vivências profissionais ou trazido por algum colega. Formulem perguntas sobre ele e durante a próxima semana, até o nosso próximo encontro, formem duplas ou trios para tentar discutir e construir elementos do que tem sido debatido nesta trilha: a vivência da adolescência, os desdobramentos da cultura na forma de vivenciar a adolescência, os modos de responder, os sofrimentos velados, etc.

Tempo de concluir

Vamos iniciar a partir do que vocês produziram na última atividade proposta? Quais pontos vocês levantaram sobre o caso escolhido? Vamos conversar e observar quais são os pontos em comum e diferentes sobre os casos?

Ao longo deste ciclo, fomos convidados a nos aproximar das adolescências por diferentes caminhos: a partir de nossas próprias memórias, das experiências compartilhadas, dos atravessamentos da cultura, das relações com o tempo, com o corpo e com o outro, bem como das condições sociais que marcam as diversas trajetórias de vida.

Retomando esse percurso, o que se deslocou em nosso modo de olhar para os/as adolescentes? O que passou a fazer mais questão? O que deixou de ser evidente e passou a exigir mais reflexão? Algum ponto levantado foi inédito para você? Formem trios e registrem algumas frases e/ou palavras que dizem sobre esse momento de conclusão:

Retornando agora à nossa nuvem de palavras e ao revisitarmos as experiências, atividades e questões trabalhadas ao longo deste ciclo, talvez possamos recolher um ponto fundamental: a abertura de um espaço em que o/a adolescente possa falar e ser escutado/a como alguém que sabe de si. Isso nos convoca a ocupar uma posição de quem se deixa ensinar, reconhecendo que é o/a

adolescente quem pode nos orientar sobre seus modos de viver, de se posicionar e de construir caminhos possíveis.

Sustentar esse lugar implica também em construir um endereçamento para a palavra, para aquilo que se apresenta, seja como pergunta, seja como impasse, criação ou mesmo silêncio. Nesse movimento, os encontros podem se tornar um espaço de troca, em que algo pode ganhar forma, se deslocar e encontrar novas possibilidades.

É nesse lugar que o cuidado se faz: não como aplicação de respostas prontas, mas como uma construção que se dá no encontro, na escuta e na aposta em processos singulares. Um trabalho que envolve tempo, disponibilidade e a construção de uma rede que não se restringe às diferentes equipes e dispositivos, mas se constitui a partir da forma singular com que cada adolescente pode articular diferentes espaços, relações e possibilidades de sustentação da vida.

Nesse percurso, a Atenção Primária se apresenta como um ponto estratégico, na medida em que pode sustentar vínculos, favorecer a continuidade do cuidado e articular essas redes. Ao apostar na escuta e reconhecer o/a adolescente como alguém que sabe de si, abre-se a possibilidade de que cada encontro produza efeitos importantes nas direções que vão sendo construídas em suas trajetórias. Interessa ressaltar que esse encontro pode se dar de diferentes formas, tais como em uma visita domiciliar, no momento da vacinação, nos corredores ou na praça. Não se trata da exigência de um momento ideal. O fundamental é a forma como podemos estar com esses/as adolescentes, o modo como os/as concebemos e a direção que damos para o que escutamos.

Seguimos, então, com a aposta de que trabalhar com adolescências implica sustentar um lugar de abertura, de construção conjunta e elaboração de uma rede que terá a medida de cada adolescente.

A partir daqui, que caminhos se tornam possíveis nas práticas em seu território? Que metodologias podem ser construídas para sustentar, no cotidiano do trabalho, essa forma de cuidado? Vamos seguir com essas perguntas no próximo ciclo de conversações?

Ciclo de conversações 2
Tempo de ver

Retornemos às construções das metodologias de trabalho possíveis com os/as adolescentes. Em meio às demandas cotidianas, é comum que os encontros com adolescentes aconteçam de forma rápida, atravessados por encaminhamentos, protocolos, urgências e expectativas já nomeadas pela família, escola ou profissionais. Muitas vezes a demanda já chega com uma conclusão e com um pedido de solução, intervenção ou condução.

Vamos imaginar e tentar VER o encontro de um profissional da UBS com um adolescente? A partir desse instante de ver, poderemos em seguida retomar as metodologias vivas apresentadas em nosso livro!

Uma história... uma ficção com dimensões reais de nossa prática:

O adolescente chega acompanhado por sua mãe. A mãe fala sem parar, reclama bastante. Diz que o filho está com muita dor de cabeça, mas que "só pode ser por conta das horas de internet". Diz que o filho chegou a ser preso por ter feito algo errado em grupos da internet, que ela "não entendeu nada direito", mas que está "enlouquecendo" com a agressividade e falta de respeito do filho, que "não quer estudar, não quer ouvir, não quer nada, nada e nada". A mãe está cansada, pois trabalha demais para sustentar a família, "o dinheiro nunca é suficiente", se sente esgotada e sem tempo para cuidar de si mesma. O profissional escuta a mãe por um tempo, acolhe, conversa, mas também pergunta se pode conversar um pouquinho apenas com o adolescente.

Profissional:
– Posso conversar com você?
João:
– Tanto faz.
Profissional:

– Eu não vim aqui pra te julgar nem pra te dar sermão. Queria só entender quem é o João falado por ele mesmo... para além do que falam sobre você...

– Hum...

– O que te trouxe aqui na Unidade?

– Minha mãe quem me trouxe.

– Mas tem alguma coisa que você sente, que eu possa te ajudar?

– Eu tenho muita dor de cabeça. Quase todo dia.

– E você relaciona a dor com alguma coisa que esteja fazendo ou vivendo?

– Minha mãe diz que é porque eu não desgrudo das telas.

– Mas e o que você acha?

– Não é mais fácil passar um remédio para eu melhorar?

– João, há caminhos mais fáceis, mas muitos fatores podem ser a causa ou contribuir para a sua dor de cabeça. O que você acha de tentarmos descobrir isso e outras coisas mais, juntos, sendo você quem guiará este percurso?

Vamos pensar como a conversa pode caminhar a partir de uma escuta e uma presença respeitosa? Você já acolheu algum/a adolescente? Tem um diálogo para nos contar?

A escuta atenta e interessada determina reconhecer que as queixas de um/a adolescente não se resumem ao problema que motivou o encontro, algumas vezes trazido pelo acompanhante, como na situação acima. Cada adolescente interpreta e sente sua experiência de maneira singular, atravessada pelas condições em que vive. É a partir de uma escuta respeitosa que não tenta saber no lugar do/a adolescente, que não aconselha antes de ouvir, que o atendimento pode ter a chance de acontecer!

É tempo de ver! Vejam esse diálogo! Vejam esse caso!

Em seguida, no tempo de compreender deste ciclo, vamos poder contar com a ajuda das metodologias que aprendemos no livro, e vamos juntos construir um atendimento para cada adolescente especialista de si.

Você teria interesse em, de fato, conhecer João por si mesmo? O que pode surgir a partir de uma presença? Abram a janela da escuta:

João é um adolescente de 16 anos, residente na comunidade Vila Esmeralda. É o quarto filho de cinco irmãos. Seu pai está em situação de desemprego, com renda instável proveniente de biscates. A mãe é manicure, principal provedora da família, com longas jornadas fora de casa. O território onde vive é marcado por violência, presença de facções e naturalização de práticas ilícitas. Falta à escola frequentemente e repetiu de ano por duas vezes consecutivas. Demonstra desinteresse pelas atividades acadêmicas, mas tem muita habilidade em tecnologia (uso de celular, redes, jogos) e muito interesse em desenhar letras estilizadas. No início de sua adolescência, sentia muita tristeza e solidão, além de sentimentos e sensações que não conseguia nomear muito bem. Ele sentia não ter um lugar na escola, tampouco na família. Preferia passar a maior parte do seu tempo na internet, sobretudo em jogos online. No espaço virtual, encontrou pertencimento e identificação, muitas vezes sem refletir sobre as consequências de algumas dinâmicas. Na escola, chegou a viver inúmeras experiências de bullying. Aos 12 anos, começou a ter alguns episódios de automutilação, chegou a ser atendido pelo centro de urgência de saúde mental e foi atendido também por uma psicóloga no posto de saúde perto de onde residia na época, mas com baixa adesão. João não se sentiu escutado, mas sim julgado. João gosta de conversar, consegue transmitir de modo interessante aspectos de sua vida, mas tem dificuldade em fazer amigos fora da internet. Nos grupos da internet, diz que consegue ser ele mesmo.

COMO ESSE CASO TE TOCA?

O QUE SALTA AOS OLHOS EM UM INSTANTE PRIMEIRO DE VER?

Tempo de compreender

VAMOS TENTAR COMPREENDER UM POUCO MAIS A FUNDO O CASO DE JOÃO?

Quais estratégias poderíamos usar? Quais outros contatos poderíamos fazer na rede para entender melhor o caso? Como garantir o atendimento de saúde desse adolescente? Com quais outros profissionais da rede poderíamos conversar? Quais perguntas parecem importantes a serem feitas para o adolescente? E para a mãe? E para outros serviços e profissionais que atenderam João?

Tantas questões afirmam a complexidade de cuidar de adolescentes, mas ao mesmo tempo mostram que são desafios que poderão ser ultrapassados quando buscamos ver e compreender, com o auxílio de metodologias construídas sob medida. Você se lembra das metodologias vivas apresentadas em nosso livro? Quais delas você acha que poderiam ser utilizadas nesse caso? Como?

Lembramos que as diferentes metodologias possuem um fio condutor comum: elas são vivas! Ou seja, se reinventam a partir dos encontros, dos territórios e das questões trazidas pelos/as adolescentes, exigindo de todos os envolvidos uma posição de abertura e disponibilidade para se deixar ensinar. A partir dessa premissa, então, o cuidado se desloca de um protocolo estático para uma prática construída na escuta, no encontro e na aposta no saber do/a adolescente, possibilitando tecer redes de cuidado e criar condições para circulação, dignidade e liberdade.

PARA RELEMBRAR...

Abaixo, encontramos um esquema das metodologias desenvolvidas no livro e alguns dos principais pontos que as definem:



VAMOS AGORA PENSAR NESSAS METODOLOGIAS NO COTIDIANO DO TRABALHO?

Um esforço para compreender a partir da prática de vocês:

A partir da prática, gostaríamos de fazer um convite para compartilhar uma experiência em que um/a adolescente foi atendido/a, mobilizou questões e trouxe desafios para a sua equipe. A proposta é circular a palavra e conversarmos sobre duas situações distintas, retomando alguns pontos...

◢ Como esse/a adolescente chegou? Houve uma demanda externa que culminou no acolhimento dele/a?

◢ Como foi feito o primeiro contato com o/a adolescente?

◢ Quem era esse/a adolescente? Por onde ele/ela circulava? Com quem contava? Que espaços frequentava ou evitava?

◢ Qual era a demanda do/a adolescente?

◢ Que vínculos estavam presentes ou fragilizados? O que foi possível escutar? E o que orientou os caminhos que foram construídos a partir dali?

◢ Ao olhar para a situação desse/a adolescente, que rede aparece? Ela já estava dada ou foi sendo construída? Houve espaço para que o/a adolescente participasse dessa construção?

◢ Quais foram os caminhos seguidos para esse/a adolescente? Foi possível ter algum retorno acerca dos efeitos dessa condução?

A partir das respostas a essas perguntas e com os aprendizados da trilha das cartografias, convidamos vocês a se juntar em grupos e construir um desses casos, mapeando o caso em si, seus desafios e as possíveis estratégias de uma rede sob medida para esse/a adolescente. Essa cartografia precisa partir da hipótese dessa construção sendo realizada junto a esse/a adolescente, e, por isso, esse exercício pode trazer lembranças de falas de adolescentes, tentando encontrar neles/as ou nos/as adolescentes que existem em vocês os possíveis caminhos de cuidado.

Agora, seguindo o caminho dos/as adolescentes...

Você já parou para pensar que os/as adolescentes costumam ter uma relação muito singular com a linguagem? A forma como se expressam, como se servem da língua, o tom de voz, as gírias... o modo como ocupam o espaço com seus corpos e seus interesses. Você já reparou que frequentemente os adultos se sentem desrespeitados ou mesmo insultados pelo modo como os/as adolescentes falam, mesmo quando não se trata propriamente de um insulto? Nessa fase da vida, marcada por uma relação tão especial com a linguagem, a arte e suas diversas formas podem se configurar como uma dimensão muito viva e inventiva para os/as adolescentes: teatro, música, desenho, pintura, cinema, escrita, literatura, leitura, poesia, slam...

Quando propomos trabalhar com cores, texturas e histórias, parece que os corpos passam a sentir por outras vias: as vias do sensível.

Isso ganha ainda mais importância em cenários onde a criatividade parece ser rechaçada e os protocolos tendem a anular as subjetividades e as linguagens únicas de cada um – profissionais, adolescentes e famílias.

Retomando o capítulo do livro “Arte na Espera”, a arte é apresentada como um processo vivo, uma forma de interlocução que ultrapassa a linguagem verbal e possibilita outras maneiras de expressão, elaboração e compartilhamento de experiências. A autora ressalta que não se trata de produzir desenhos bonitos, reproduções ou técnicas perfeitas, mas de sustentar um espaço em que adolescentes, familiares e acompanhantes possam experimentar livremente, explorar afetos, criar e construir novas narrativas sobre si.

O ponto de partida é um dispositivo de escuta no qual há uma abertura para construções conjuntas e/ou individuais, para as invenções e imperfeições. Os encontros atravessados pela arte podem então favorecer encontros entre adolescentes, acompanhantes e profissionais, permitindo deslocamentos nas formas de estar nos espaços de saúde e nas relações estabelecidas ali.

Algum de vocês já se deparou com o uso da arte nos espaços de saúde e quer compartilhar essa experiência?

Tempo de concluir

Ao longo deste ciclo, pensamos nas diferentes metodologias construídas no encontro com os/as adolescentes e seus territórios, sustentadas pela aposta de que cada um/a deles/as possui um saber sobre si e, portanto, pode e deve participar ativamente da construção dos caminhos do seu cuidado. As experiências compartilhadas nos mostram que o trabalho em saúde não se reduz à aplicação de protocolos ou respostas previamente definidas. Seja no acolhimento vivo, seja nas conversações, na construção do caso clínico, na tessitura de uma rede sob medida ou nas experiências com a arte, destaca-se a importância de sustentar espaços de escuta, abertura e invenção, capazes de dar um lugar para aquilo que aparece de forma singular na vida de cada adolescente.

Nesse percurso, também pudemos reconhecer que o cuidado pode se construir de diferentes maneiras e em diversos espaços, seja em uma consulta, seja em uma conversa de corredor, em um momento com a arte, em uma visita domiciliar, em uma roda de conversação ou em uma praça. Mais do que buscar um modelo ideal de intervenção, talvez o desafio esteja em sustentar práticas vivas, abertas ao território, aos vínculos e aos deslocamentos que podem se produzir nesses encontros.

Diante de tudo o que vimos, seguimos com a seguinte pergunta: quais redes, encontros, espaços de criação e estratégias de cuidado podem seguir sendo tecidos em seu território, caso a caso, junto aos/às adolescentes?

Referências

ALBUQUERQUE, B. S. **Do furo à entrada no túnel**: reviravolta da linguagem e da sexualidade na adolescência. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SZYMBORSKA, Wislawa. Adolescente. *In*: SZYMBORSKA, Wislawa. **Amor feliz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 275-277.

JANELA DA ESCUTA

ADOLESCÊNCIAS E TESSITURAS

SUS MINISTÉRIO DA SAÚDE